

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO
INTERDISCIPLINAR DE
ESTUDO E PESQUISA
DO IMAGINÁRIO
SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ISSN 1519-6674
ANO XIX
VOLUME 30
(JAN-JUN)
2019
P. 105-128.

ESCATOLOGIA E SALVAÇÃO: O TEMPO FUTURO NA *VISÃO DE TÚNDALO*

Adriana Ziererⁱ

Professora Doutora do Departamento de História da
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Bianca Trindade Messiasⁱⁱ

Professora Mestre do Instituto Federal do Maranhão (IFMA)

RESUMO

Passado, presente e futuro são três categorias temporais que demarcam a perspectiva da História e a consciência humana. Na Idade Média, a concepção da temporalidade que orientava os medievos em suas ações estava regida pelo ensinamento cristão da época. A Igreja pregava as boas condutas ao lembrarem as histórias de Cristo, essas que deveriam ser vivenciadas pelo homem em seu tempo presente, para alcançar, no futuro próximo, a salvação eterna. A morte para o homem medieval era vista como viva e presente, na certeza que seria uma passagem para o Outro Mundo. Diante disso, analisamos a concepção do tempo no pós-morte a partir da narrativa visionária do século XII, *Visão de Túndalo*, que circulou por escrito em Portugal no século XV. A narrativa retrata a história de um cavaleiro pecador, chamado Túndalo que foi considerado como morto por três dias, nesse espaço de tempo a sua alma foi conduzida a percorrer os três reinos eternos do Além Medieval: Inferno, Purgatório e Paraíso. Para cada local, observamos um elemento do tempo, como: a condenação infinita para os pecadores, a expectativa da salvação no reino celeste e a transição para a purgação das penas no Purgatório. O tempo do Além se conectava com o tempo dos vivos, ao ouvirem a história do cavaleiro Túndalo, esses eram educados a refletirem sobre os seus comportamentos no passado, mudá-los no presente para a obtenção do descanso eterno no futuro. Assim, havia uma relação entre o tempo sobrenatural com o mundo terreal, que era essencial para o mundo cristão medieval.

Palavras-Chave: *Visão de Túndalo*; Tempo; Escatologia; Salvação.

ABSTRACT

Past, present and future are three temporal categories that demarcate the perspective of History and human consciousness. In the Middle Ages, the conception of temporality that guided the medieval in their actions was guided by the Christian teaching of the time. The Church preached the good conduct as they recalled the stories of Christ, which were to be experienced by man in his present time, in order to achieve eternal salvation in the near future. Death to medieval man was seen as alive and present, in the certainty that it would be a gateway to the Otherworld. Given this, we analyze the conception of time in the afterlife from the twelfth century visionary narrative, *Vision of Tnugdál*, which circulated in writing in Portugal in the fifteenth century. The narrative portrays the story of a sinful knight named Tnugdál (Tundalo) who was considered dead for three days, during which time his soul was led through the three eternal kingdoms of the Medieval Beyond: Hell, Purgatory and Paradise. For each location, we observe an element of time, such as infinite condemnation for sinners, the expectation of salvation in the celestial kingdom, and the transition to purging of feathers in Purgatory. The time from the Beyond connected with the time of the living, when they heard the story of the knight Tnugdál, they were educated to reflect on their past behaviors, to change them in the present to obtain eternal rest in the future. Thus, there was a relationship between supernatural time and the earthly world, which was essential to the medieval Christian world.

Keywords: *Vision of Tnugdál*; Time; Eschatology; Salvation.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é mostrar a concepção de tempo numa fonte documental intitulada *Visão de Túndalo*, que circulou em Portugal por escrito a partir de fins do século XIV. Precisamos, antes de adentrar o estudo sobre essa importante narrativa e suas concepções sobre a salvação, refletir sobre alguns conceitos como o de tempo e de escatologia.

A história é “a ciência dos homens [...]. É ainda vago demais. É preciso acrescentar **dos homens, no tempo**” (BLOCH, 2001, p. 55) (grifo nosso). O tempo, matéria-prima do historiador, é uma categoria difícil de compreender, pois não temos como segurá-lo, nem como medi-lo. Integrado à natureza na vida humana, o tempo orienta o agir humano, momento em que as ações dos homens e mulheres lhe proporcionam forma e movimentação. Assim, os fenômenos históricos e sociais estão mergulhados nas questões temporais e se encontram em constante ebulição.

A duração é o objeto central de análise dos pesquisadores e professores de História. A partir deste pressuposto, as temporalidades são delimitadas, e nelas são observadas as relações sociais, as experiências humanas, as construções, as mudanças ou permanências dos fatos históricos. Para os medievalistas em especial, é muito importante a chamada Longa Duração (*Longue Durée*), o tempo que muda pouco, pois as estruturas do imaginário persistem por um

longo período (BRAUDEL, 1992; BRAUDEL, 1989; BURKE, 1992). Por isso, investigadores como Le Goff e outros afirmam que nesta época ocorreu a chamada *Longa Idade Média*, que vai do século V até a Revolução Francesa (LE GOFF, 1994, p. 21-22).

Interpretado de múltiplas formas, as sociedades atribuíram significados para o tempo, em diferentes períodos: visto, por exemplo, principalmente de forma cíclica ou mítica na Antiguidade, e linear no Medieval, Modernidade e Contemporaneidade. Conscientes da presença do tempo e inseridos neles, Jörn Rüsen, por exemplo, o estabeleceu como princípio da consciência histórica, fundamental para a construção da identidade.

“A consciência histórica é, pois, guiada pela intenção de dominar o tempo que é experimentado pelo homem como ameaça de perder-se na transformação do mundo e dele mesmo” (RÜSEN, 2010, p.60). Os homens assumem a consciência de si mesmos ao olhar para as lembranças do passado e o tempo permite a construção de suas identidades e as orientações das ações humanas no presente. Vivendo o seu momento histórico projetam planos para o futuro, com a intenção de dominá-lo, mas na incerteza se algo irá dar certo ou não ao longo do processo.

Passado, presente e futuro são as divisões do tempo que estão unidos numa relação complexa. José Carlos Reis analisou as estruturas temporais, e, conforme o autor, o

passado representa aquilo que aconteceu. A sua descrição é

[...] aporética: o que não é mais e o que é de fato, conhecimento verdadeiro e ilusão, prisão e liberdade, inquietude e repouso. Por um lado, o pensamento do passado é tranquilizante: dado, estável, conhecível, descritível, ausência de risco, certeza e repouso; por outro, é inquietante, pois representa antecipadamente a morte, a finitude, o irrecuperável e inacessível ser (REIS, 2012, p. 30).

O passado não tem como ser mudado, porém diversas interpretações podem ser atribuídas a essa temporalidade, a partir daquilo que se quer conhecer, tornando-se nossa concepção sobre a duração agradável ou pessimista, por temer que algo se repita. O tempo é conhecível no presente e faz com que determinados fatos sejam cristalizados, perpetuados ou conduzidos ao esquecimento, de acordo com os interesses daqueles que se apropriam dele.

“O presente é ponte entre passado e futuro e há uma relação necessária, causal, que gera uma continuidade inexorável, determinista, do passado ao futuro” (REIS, 2012, p. 32). O presente representa as ações do agora que são exercidas a partir do conhecimento obtido do passado, com a finalidade de manutenção ou mudança dos acontecimentos que ocorreram, visando a projeção para o amanhã.

Por último, o futuro “é portador tanto da inquietude, da instabilidade, do medo da finitude, quanto da esperança de ser” (REIS, 2012, p. 31). Os desejos, as expectativas da

humanidade são depositadas no porvir, carregado de sentimentos de preocupação, inquietude, dúvidas e esperança sobre o que irá acontecer. Diante disso, observamos dois aspectos contraditórios, em que o futuro pode ser interpretado como o nascimento de um novo tempo e simultaneamente como o fim, como por exemplo, a chegada da morte.

Na Idade Média o passado, presente e futuro foram estabelecidos de forma linear e racional sob a ótica do cristianismo. Neste sentido, um acontecimento primordial é a criação do mundo por Deus, dos primeiros humanos, Adão e Eva, que viviam em harmonia com os animais no Éden e do qual foram expulsos devido ao Pecado Original. O segundo momento crucial é a vinda de Cristo e sua crucificação para redimir os pecados dos humanos, o que acontecia individualmente, na concepção medieval, quando a criança recebia o sacramento do Batismo. Pois se considerava que o ser humano, em virtude da Queda, tinha a propensão para o pecado e por isso, mesmo as crianças precisavam ser batizadas para poder atingir o Paraíso depois da morteⁱⁱⁱ.

Um terceiro momento crucial é o reencontro dos seres humanos com o Criador na segunda vinda de Cristo ou Parusia, momento do segundo Julgamento dos humanos (Juízo Final) quando, de acordo com o *Apocalipse de São João*, os bons e maus seriam definitivamente separados, após a derrota da Besta, com a implantação do Reino Celeste^{iv}. A Igreja Católica como instituição assumiu, no

medieval, o ordenamento do calendário litúrgico, estabelecendo os seus rituais e festividades, indicando os ritmos do trabalho, das orações e do cotidiano das pessoas. Neste sentido, destaca-se a importância das badaladas dos sinos diariamente, em diversos momentos, como forma de ordenamento temporal (D' HAUCOURT, 2004 p. 47-73, SCHMITT, 2017, p. 251-358^v).

O tempo religioso cristão era o tempo de Deus, assim o

[...] calendário litúrgico é estruturado principalmente pelas grandes festas relacionadas a Cristo: o ciclo de Natal começando com o Advento (quarenta dias antes da Natividade) e prolongado pelos doze dias concluídos pela Epifania; a Anunciação; o ciclo da Páscoa, precedido pela Quaresma (igualmente quarenta dias), culminando na Semana Santa, do Dia de Ramos à Ressurreição, e prolongado até a Ascensão e o Pentecostes (dez e quarenta dias depois do domingo pascal) (BASCHET, 2006, p. 306).

Cristo é o centro das atenções para a organização temporal do calendário cristão. Os principais fatos de sua vida foram selecionados e cristianizados pela ordem eclesiástica, como forma de evangelização e controle das atividades dos medievos ao indicar os momentos de celebração e festividades, e de recolhimento ao lembrarem os sofrimentos de Jesus, como no período da Quaresma.

Apesar de apresentar a linearidade do tempo, o calendário litúrgico estava associado à produtividade agrícola, às questões astrológicas e às próprias heranças da Antiguidade. Além disso,

obedecia ao ciclo anual, como explica Baschet: “o ciclo referente a Cristo aparece concentrado, sobretudo, entre novembro e maio” (BASCHET, 2006, p. 307). Assim, novembro e março são as balizas temporais que marcam o início e o fim (renascimento) da vida de Cristo, entretanto a história do cristianismo acrescenta outras datas comemorativas como as dos santos e a Virgem Maria.

O homem medieval via o seu passado centrado na figura de Jesus, fundamentada nas Sagradas Escrituras que relatam a ligação que os indivíduos tinham com o poder divino. Segundo Baschet, o presente era menosprezado, pois segundo os eclesiásticos, a humanidade havia perdido a harmonia com Deus e os medievos encontravam-se mergulhados nos pecados e na desordem da sociedade.

Já o futuro significava a espera, anunciado no *Novo Testamento*, que descreve “as desordens do fim do mundo, o Juízo Final, e, depois, uma eternidade de beatitude celeste para uns e de castigos infernais para outros” (BASCHET, 2006, p. 322). O futuro era aguardado com entusiasmo, pois, Cristo voltará e julgará as ações da humanidade. Ele simboliza a esperança de salvação para os justos e o medo da condenação para os pecadores.

Observamos que o tempo terreal, principalmente devido à angústia com o futuro, transcendia para o mundo imaginário do sobrenatural:

[...] ao longo da Idade Média central, a angústia com a morte individual revestiu-se da preocupação em saber que destino seria reservado à alma durante o julgamento particular que acontece imediatamente ao trespasse (SCHMITT, 2014, p. 374).

A morte era consciente para os medievos, os quais aprenderam que a vida continuava no Outro Mundo. Eles não tinham medo do fim, mas de morrer sem receber os devidos rituais fúnebres cristãos, que lhes dariam acesso ao Paraíso. Porém o medo e as dúvidas sobre o que aconteceria com as almas após o falecimento e sobre o Além Medieval, eram perguntas que perturbavam o homem medieval com relação ao futuro.

A Igreja anunciou diversos futuros baseados na *Bíblia*, como por exemplo, o *Apocalipse de São João*, já mencionado, que revela sobre as coisas que irão acontecer com a vinda de Cristo. Dialogando com as passagens bíblicas, os religiosos inseriam em seus sermões os relatos de viagens imaginárias, ou seja, histórias de alguém que foi agraciado de viajar para o Além Medieval e retornou trazendo o seu testemunho das coisas vistas e sentidas.

Dentre as narrativas de viagens imaginárias ao Além, destacamos a *Visão de Túndalo*. Esse manuscrito foi escrito no século XII, provavelmente em latim, por um monge irlandês chamado Marcus, do qual temos poucas informações. O relato espalhou-se pela Europa, com grande circulação entre os séculos XII e XVI, e foi traduzido para o português entre o final do século XIV e início do século XV.

Existem duas versões portuguesas da *visão* traduzidas por monges cistercienses do mosteiro de Alcobaça, que se encontram em dois códices diferentes: o códice 244 localizado na Biblioteca Nacional de Lisboa foi traduzido por Fr. Zacharias de Payopélle; e o códice 266, depositado inicialmente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e traduzido por Fr. Hilario da Lourinhã. Atualmente ambos os códices se encontram na Biblioteca Nacional de Lisboa.

Em Portugal, o texto foi publicado três vezes no periódico chamado *Revista Lusitana*, dedicado aos estudos filológicos. O códice 244 foi editado em 1895 por Francisco M. Esteves Pereira^{vi}. Em relação à versão 266 existem duas edições: Nunes, J. J. (1903-1905) e de Patricia Villaverde Gonçalves^{viii} (1982-1983).

Segundo Mafalda Frade, filóloga do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, responsável pela homepage *Scrinium*^{viii}, site que informa sobre a *Visão de Túndalo* e as traduções portuguesas, a *Visão de Túndalo* foi escrita em latim ou gaélico na cidade de Ratisbona (Alemanha). Sobre as traduções portuguesas, o códice 244 faz parte de uma compilação de textos que inclui também o *Catecismo da Doutrina Cristã*, o *Virgeu de Consolaçom* e o *Tractado das meditações e pensamentos de São Bernardo*.

O Códice Alcobacense 266 surge numa compilação de vidas de santos que ficou conhecida por *Colecção Mystica de Fr. Hylario da Lourinhã, Monge Cisterciense de Alcobaça, o qual transcreveo o seguinte no idioma*

Portuguez, designação atribuída no século XVIII, embora o manuscrito seja datado do século XV.

Sobre os monges cistercienses que foram responsáveis pela tradução da narrativa, não se tem atualmente informações biográficas deles, somente sabemos que eram do Mosteiro de Alcobaça. Sobre as traduções, o códice 244 é mais detalhado ao descrever a viagem e dos espaços percorridos pelo cavaleiro, enquanto o 266 é mais resumido, e alguns termos presentes na versão anterior foram omitidos nesse.

Apesar de existir diferenças entre as versões portuguesas (244 e 266) ambas possuem a mesma estrutura narrativa e narram a história de um cavaleiro pecador chamado Túndalo, que foi escolhido por Deus para fazer uma viagem ao Além Medieval.

Neste percurso, foram mostrados os seguintes espaços: o Inferno, habitado pelos seres malignos, junto com os pecadores, que são penalizados por seus pecados; o Purgatório, com sua confusão de delimitação geográfica e na dificuldade de definir quais são as almas que devem ser destinadas a esse ambiente e, por fim, o Paraíso, com suas delícias e glórias desfrutadas pelos eleitos que foram alocados para esse lugar.

O cavaleiro Túndalo foi acompanhado por um anjo-guia que tinha a função de explicar sobre os locais visitados, proteger o viajante e instruí-lo ao arrependimento e conversão. Assim, o primeiro pôde ver através da visão e sentir em seu corpo principalmente através do tato, as sensações provocadas nas almas após a morte,

representando no texto pelas expressões dos índices de oralidade e as percepções sensoriais que tornaram o relato mais verídico para o leitor e ouvinte.

Após conhecer os Três Reinos Eternos do Além – Inferno, Purgatório e Paraíso, a alma do cavaleiro voltou ao seu corpo e contou com detalhes aos que estavam ao seu redor, clérigos e leigos, sobre a sua viagem. Depois de presenciar a tristeza no Inferno e as alegrias no Paraíso, o Túndalo arrependeu-se de seus pecados e converteu-se ao cristianismo, tornando-se um modelo de cristão ideal, o que atendia aos propósitos da narrativa.

A partir da *Visão de Túndalo*, especificamente o códice 244, pretendemos identificar as representações do tempo futuro presentes na trajetória da viagem extracorpórea do cavaleiro, ao descrever os espaços do Além-Túmulo indicando os diversos destinos finais para as almas. Ao falar do futuro no *post mortem*, esse relato estava associado com os princípios educacionais da Igreja em seu tempo histórico, das transformações que estavam ocorrendo na sociedade portuguesa, com o propósito de conduzir os homens a refletirem sobre as suas ações ao lembrarem-se do destino da vida no Além.

2. AS TEMPORALIDADES NA VISÃO DE TÚNDALO

A *Visão de Túndalo* é uma narrativa visionária ao Outro Mundo e possui elementos

do *exemplum*, ou seja, “um conto breve dado como verídico (=histórico) e destinado a ser inserido num discurso (em geral, um sermão) a fim de convencer um auditório por meio de uma lição salutar” (LE GOFF, 1994, p. 123).

O objetivo do relato era transmitir a lição moral que consiste no arrependimento dos pecados e conversão à religião cristã, tendo como modelo a ser seguido o cavaleiro Túndalo, que passa de pecador a bom cristão. A narrativa também revela as características que compõem os espaços do Além Medieval, ou seja, o Inferno, Purgatório e Paraíso, indicando os perfis das almas que foram destinadas para cada local, lembrando de suas condutas no mundo terreno e orientando o cavaleiro pecador para mudá-las para a obtenção da salvação.

O tempo do mundo imaginário do pós-morte estava associado com as transformações do tempo presente, em que as pessoas se preocupavam com o destino final que os aguardava no futuro:

O tempo do *exemplum*, que é o tempo do diacronismo narrativo e, de certo modo, o da história terrena, articula-se no tempo, simultaneamente retrospectivo e escatológico, das *auctoritates* e na atemporalidade das *rationes* (LE GOFF, 1994, p. 124).

Os relatos de viagens imaginárias eram inseridos durante a pregação, articulados com os acontecimentos que estavam em vigor no período. Na *Visão de Túndalo* identificamos passagens da *Bíblia* que legitimam e fundamentam a narrativa, anunciando o futuro

próximo, retratando o tempo escatológico. Na prática, essa narrativa tinha a finalidade de conduzir os cristãos a refletirem sobre as suas ações que foram realizadas no passado, com a tentativa de mudá-las no presente, já que os medievos se preocupavam com o destino final de suas almas. Cada cristão se via como um *homo viator* em passagem pelo mundo efêmero, daí ser necessário ter o desprezo pelas coisas mundanas e voltar-se à vida celeste (ZIERER, 2013, p.71).

A *Visão de Túndalo* circulou em Portugal no período denominado de Baixa Idade Média, momento de grandes transformações na sociedade portuguesa, entre as quais o elevado número de óbitos, que foram ocasionados pela proliferação das doenças e da Peste Negra. Lisboa “parece ter sido, além de centro mais atingido pelas crises de mortalidade, a principal via de importação de contágios” (BASTOS, 2009, p. 41). Diante da presença da morte, a transmissão da história do cavaleiro Túndalo anunciava o futuro escatológico, como forma de informar para onde as almas iriam, num primeiro momento, no trespasse, e depois, no Juízo Final.

É ainda o fim de uma dinastia, a de Borgonha, em virtude do rei D. Fernando (1367-1383) haver morrido sem possuir herdeiros masculinos. Neste contexto, houve diputas políticas e ascendeu ao poder um filho ilegítimo, D. João, meio-irmão de D. Fernando, que iniciou uma nova dinastia, a de Avis (MARQUES, 1986). Com a ascensão ao trono de D. João I (1385-1433), o cronista Fernão Lopes o apresentou em sua crônica como um

predestinado de Deus para ser o rei de Portugal e que iniciaria um “novo tempo” (VENTURA, 1992).

O termo *escatologia* “designa as ideias concernentes ao fim do mundo ou aos eventos que atingirão seu termo com o Juízo Final” (TÖPFER, 2006, p. 353). A visão pessimista do futuro, apresentada pelo discurso escatológico, faz reinar o medo que foi anunciado pelo *Novo Testamento*, ao apresentar um mundo em desordem e de dor que foi tomado pelos pecados.

Segundo Baschet “na Idade Média, Apocalipse não é, então sinônimo de escatologia, termo que convém, no mais, distinguir claramente da noção de milenarismo” (BASCHET, 2006, p. 329). Assim, segundo a crença do Apocalipse haverá um momento de dor, sofrimento e tristeza no mundo, mas chegará o momento em que o Diabo será aprisionado e haverá o reino de mil anos com Cristo (*millenium*), e depois a segunda ressurreição e o Juízo Final.

A simbologia representada pelo milenarismo está associada à

[...] espera de um futuro associado à última fase da história universal; mas longe de esperar somente o fim dos tempos e a destruição do mundo, ele anuncia e a destruição do mundo, ele anuncia antecipadamente o reino de Cristo sobre a terra, estabelecem para todos os homens uma ordem paradisíaca de paz e justiça (BASCHET, 2006, p. 329).

O futuro escatológico/milenar não é visto como o fim, mas um recomeço no qual Cristo voltará e elevará consigo os eleitos para a vida

eterna no Paraíso, mas não se sabe nem a data e nem a hora. Para isso, os cristãos deveriam estar sempre preparados e vigilantes, conforme os aconselhamentos dos *oratores*, transmitidos na pregação. Por esse motivo, todos deveriam estar atentos com as suas atitudes. Essas ocorriam no presente dos medievos e seriam refletidas no futuro próximo do grande dia, a Parusia.

Os Apocalipses, gênero literário característico da escatologia, “procedem em geral sob a forma de visões, mas o tempo do fim é evocado, muitas vezes sob forma profética” (LE GOFF, 2003, p. 327). As visões e profecias faziam parte dos sermões dos clérigos, colocando em cena os relatos dos testemunhos que tiveram tais aparições, anunciando um futuro próximo de julgamento no Juízo Final que decidirá o destino das almas.

A *Visão de Túndalo* estava associada ao contexto do futuro escatológico, presente nos discursos da Igreja durante as pregações. Nessa *visio* identificamos os diversos futuros que são destinados para as almas, ou seja, um tempo de danação para os pecadores no Inferno, de purgação para os que estavam no Purgatório e de beldade para os justos no Paraíso.

Inicialmente destacamos as características e o perfil do personagem central, o cavaleiro Túndalo. A narrativa explica sobre o seu comportamento e aborda os seus atos pecaminosos, cometidos antes da viagem imaginária, conforme o manuscrito (códice 244):

Ca a ssua mancebia e a sua fremosura e o seu linhagen todo tornauan em uaydade do mundo por a qual razon non auia sabor de auer saude de sua alma. **Eralhe muy graue de hir aa egreia nen fazer oraçon. Daua muy poucas esmolos por deus pero era muy largo em despende esso que auia em maaos husos.** Este tal e tan pecador quis deus por exemplo de nos todos que uisse muytas cousas e as sofresse e que as contasse a nos per que tomássemos exemplo pera nos castigarmos de mal fazer (VISÃO DE TÚNDALO, 1895, p. 101). (grifos nossos)

Túndalo é o personagem principal da narrativa, representa a sociedade medieval e seus pecados, como não ir à igreja, não fazer orações e nem doações; vivia em vaidade e não obedecia as regras da Igreja. Segundo a citação, esse cavaleiro pecador foi escolhido para realizar a viagem ao Além e a finalidade consistia em colocá-lo em provações, ao atravessar o ambiente infernal, através de purgação no Purgatório, para depois ver as maravilhas do espaço paradisíaco. No Paraíso, o cavaleiro não poderia desfrutar e permanecer nesse local, pois a alma ao corpo tinha que retornar para se redimir de seus pecados, converter-se à religião cristã e transmitir a lição moral para a sociedade.

A viagem imaginária durou três dias, de acordo com a informação contida na versão 244 (e ausente no códice 266):

Esto durou des quarta feyra hora decima ataa o ssabado hora prima en tal maneyra que todos cuidauan que era morto. E fora ia soterrado non sendo huma pouca de quentura que tinha no costado seestro. Assi foy que no terceyro dia que era sabado como dicto he começou ssuspirar (VISÃO DE TÚNDALO, 1895, p. 101).

Por três dias a alma do cavaleiro Túndalo conheceu o Inferno, Purgatório e Paraíso, não sendo enterrado por haver um pouco de quentura em seu corpo. Neste espaço de tempo, Túndalo viu o destino das almas no pós-morte, guiado por um anjo que tinha a função de ensiná-lo sobre os princípios do cristianismo e conduzir o personagem a refletir sobre o seu comportamento, que deveria mudar para alcançar o Paraíso.

A alma retornou ao corpo no sábado. Podemos associar o dia da sua volta com o calendário litúrgico da Igreja, como o período da Páscoa (Quaresma), pois segundo a história da Paixão de Cristo, Jesus foi crucificado na sexta-feira e no sábado ressuscitou (MESSIAS, 2016, p. 127). Diante disso, o sábado significa a ressurreição, o tempo da salvação em que o próprio cavaleiro Túndalo renasceu, louvando e agradecendo ao Senhor, arrependendo-se de seus pecados e testemunhando a sua visão para clérigos e leigos, para que tomassem a história como exemplo de salvação.

Uma das passagens importantes da narrativa consiste no momento em que a alma do cavaleiro se desprende do corpo, indicando que a vida continua no pós-morte e que as ações realizadas no mundo terreno são julgadas. As almas que haviam tido um bom comportamento na vida terrena ascenderiam para o céu, caso contrário seriam condenadas ao ambiente infernal.

Na história do cavaleiro Túndalo, a alma

[...] **foy fora do corpo, começou de auer gram medo ca se sentia muy peccador** [...] viu uyr muy gran companhia de demoes e non tan solamente a casa hu iazia o seu corpo mais todas as ruas e plaças eran cheas deles. E ela cercada deles de cada cabo começaram de a espantar muy fortemente e dizian cantemos a esta alma mesquinha cantares de morte ca filha he de morte e amiga de teebras e enmyga de luz (VISÃO DE TÚNDALO, 1895, p. 102) (grifos nossos)

Como pecador, a alma do cavaleiro foi de imediato cercada pelos demônios, os seus pecados foram revelados e o medo reinou nesse momento. Os demônios falaram que a alma era “filha da morte, amiga das trevas e inimiga da luz” (p. 102). No entanto, logo o anjo apareceu e afastou os demônios, iniciando a jornada de Túndalo no Além. A descrição da citação anterior lembra a xilogravura de *A Arte do Bem Morrer* “que tinha por objetivo ser um sermão visual, mostrando aos fiéis o futuro dos devotos de acordo com suas ações” (ZIERER, 2013, p. 86)^{ix}. Ocorre, tal como neste relato, uma disputa entre os demônios que cercam a alma, porém Túndalo, não foi levado pelos seres maléficos para o fogo do Inferno, pois o objetivo não era condená-lo, mas conduzi-lo a conhecer os espaços do pós-morte. O propósito central era que pudesse se arrepender de suas faltas e voltar ao mundo terreno regenerado, além de contar a sua experiência a outras pessoas que também obteriam a salvação (OLIVEIRA, 2019).

Para tirá-lo do meio dos entes malignos, apareceu um anjo com toda a sua luminosidade o socorrendo, com a função de orientá-lo e guiá-lo e explicou que a “*alma ficaua tempo de fazer penitencia pois que ao corpo auia de tornar*”

(VISÃO DE TÚNDALO, 1895, p. 103) (grifos nossos). O tempo da penitência representa o momento em que a alma percorreu os espaços do pós-morte e, numa relação dialética, indagou o anjo sobre as coisas vistas, foi punido por seus pecados no Inferno, viu as maravilhas do Paraíso, fazendo-o lembrar de seu comportamento. Isto é, daquilo que era praticado no mundo terreno e vendo as consequências para o tempo futuro se não modificasse as suas antigas ações pecaminosas, aos olhos da Igreja.

A partir da viagem de Túndalo, identificamos o entrelaçamento do tempo na narrativa em que a representação do tempo futuro conduzia os medievos a se identificarem com o personagem, pois era pecador e seus atos eram comuns na sociedade. Os principais pecados mencionados estão ligados à gula, luxúria, inveja, avareza. Além disso, muitos temiam ter o destino da condenação no Inferno e viam a necessidade de olhar para as ações que foram realizadas no passado para mudá-las no presente, pois, conforme os discursos da Igreja, o fim estava próximo.

Observamos que o futuro assume diversos significados na *Visão de Túndalo*, inicialmente tenebroso ao relatar o Inferno, depois é mostrado o Paraíso, recompensa dos que obtiveram a salvação. Desta forma, a narrativa alerta os medievos sobre o agir na vida terrena ao demonstrar as consequências para os pecadores e os virtuosos.

3. O PESSIMISMO DA CONDENAÇÃO ETERNA NO INFERNO

A *Visão de Túndalo* anuncia o futuro escatológico, revelando o que aconteceria com as almas no pós-morte e para quais espaços seriam alocadas. Segundo as normas moralizantes da Igreja, os destinos dos homens eram estabelecidos a partir das ações praticadas na vida terrena: se tiveram uma vida digna, obedecendo as normas da religião cristã, seriam agraciados em viverem no Paraíso. Caso contrário, seriam condenados ao Inferno, com a possibilidade de, dependendo dos pecados, irem para o Purgatório, lugar provisório de tormentos, para os humanos que haviam cometido pecados “leves” (LE GOFF, 1993).

O primeiro local percorrido por Túndalo foi o Inferno Superior, esse ambiente ocupa a maior parte da narrativa. Para Le Goff, a paisagem do Inferno é “composta de montanhas escarpadas, de vales profundos, de rios e lagos fétidos, cheia de metal em fusão de répteis e de monstros” (LE GOFF, 2006, p. 28).

Essas características compõem o cenário infernal da *Visão de Túndalo*, composto por vales, rios, mar, lago, poço, montes, características típicas da natureza. Entretanto, possuem a funcionalidade infernal, pois são marcadas pelo precipício, profundidade, escuridão, aspectos que representam a malignidade.

Os pecadores viveram na dor, sofrimento e tormentos no Inferno. Esse ambiente é caracterizado

[...] por um fogo sempre renascente que queima ininterruptamente os danados, emitindo apenas fumaça enegrecida e iluminando com vermelhões horríveis um mundo de trevas, de gritos, de ruídos apavorantes, de fedor. É um Inferno vermelho e negro (LE GOFF, 2006, p. 28).

As cores escuras “pintam” o cenário infernal que é iluminado pelo fogo, o qual pune as almas espiritualmente e corporalmente por não terem desempenhado uma boa conduta no mundo terreno.

A sua descrição é minuciosa e expressa os índices de oralidade, pois “na voz e pela voz se articulam as sonoridades significantes” (ZUMTHOR, 1993, p. 21). Como por exemplo, o relato salienta os sons atemorizantes dos demônios e gemidos das almas sofrendo com as penalidades, os maus cheiros que saíam do rio, a visão horripilante do local e dos seres malignos.

Transmitido pela oralidade, quem ouvia a narrativa produzia mentalmente as imagens de terror daquele espaço e passava a ter a sensação de aflição. Desta forma, a Igreja aplicava a pedagogia do medo (DELUMEAU, 2009; LE GOFF, 2006, p. 30), conduzindo os cristãos, já no seu tempo presente, a temerem que suas almas fossem condenadas a este espaço, se continuassem vivendo nos pecados mundanos.

A figura a seguir mostra uma representação de Lúcifer no *Très Riches Heures du Duc de Berry*, composto no século XV para

João, duque de Berry (1340-1416), que foi irmão do rei Carlos V e filho do rei João II, o Bom. Era um homem abastado e possuidor de muitos castelos, além de uma vasta biblioteca, com trezentos volumes e quinze livros de horas (ZIERER, 2016, p. 23-24), do qual o mais famoso é o *Les Très Riches Heures du Duc de Berry* (As Muito Ricas Horas do Duque de Berry ou o Livro de Horas do Duque de Berry). As iluminuras foram inicialmente realizadas pelos

irmãos Limbourg (1412-1416), ficando inacabadas com a sua morte e do duque (1416). Mais tarde, o duque de Saboia encomendou a Jean de Colombe o término das pinturas, entre os anos de 1485 e 1489.

Nesta obra a seguir, de cuja imagem visualizaremos Lúcifer, é considerada a obra-prima dos livros iluminados, pela qualidade e riqueza de suas iluminuras (DUFOURNET, 1995, p. 2).



Figura 1. Paul, Jean e Herman de Limbourg. **Inferno**. *Les Très Riches Heures du Duc de Berry*, 1413, Musée Condé, Chantilly, ms. 65, f. 108r.

[https://fr.wikipedia.org/wiki/Les_Tr%C3%AAs_Riches_Heures_du_duc_de_Berry#/media/Fichier:Folio_108r -
Hell.jpg](https://fr.wikipedia.org/wiki/Les_Tr%C3%AAs_Riches_Heures_du_duc_de_Berry#/media/Fichier:Folio_108r_-_Hell.jpg)

Observamos na figura 1 que Lúcifer, o “Príncipe das Trevas”, seguindo a descrição do códice 244 da *Visão de Túndalo* (1895, p. 110) está acorrentado numa grelha de ferro (“*jazia num leito de ferro a maneira de grelhas*”), onde sofre com a ação do fogo. Ele come as pessoas, o que reforça a oralidade, além de regorgitá-las para diversos lugares do Inferno. Ao mesmo tempo, esmaga as almas com as mãos como se fossem bagos de uvas e as faz sofrer em seu ventre, o que reforça a relação com a ingestão. A pintura dos irmãos Limbourg toma determinadas liberdades, atribuindo novos significados à narrativa (ZIERER, 2016, p. 24-27). Vemos que Lúcifer, muito maior que os outros demônios, porta uma coroa na sua cabeça, o que não aparece no texto. Além disso, na imagem, ao contrário da *visio*, vemos, explicitamente no Inferno Inferior, religiosos (o que se percebe pelas tonsuras nas cabeças), sendo arrastados pelos demônios.

O Inferno, tal como observamos no *Livro de Horas do Duque de Berry*, é habitado por esses seres, os quais são monstruosos, associados a formas humanas e animais. Percebemos na pintura dos irmãos Limbourg que eles são escuros, possuem chifres, pelos, asas de morcego e rabo. Os entes malignos eram os responsáveis por castigar as almas, torturando-as com instrumentos de ferro, lançando-as sobre os

precipícios, vales e comendo-as, tal como observamos na figura 1. Os pecados considerados mortais eram punidos pelo próprio Lúcifer, o Príncipe das Trevas, localizado nas profundezas do Inferno.

A passagem por este espaço representa o tempo da punição, pois para cada ato cometido, uma determinada pena foi aplicada para a alma de Túndalo. O cavaleiro foi penalizado no Inferno Superior por seus atos pecaminosos, como: atravessar uma ponte cheia de pregos, carregando o objeto furtado; ser engolido por um ser demônio e no ventre da besta; sofrer diversos tormentos por ter sido orgulhoso e desejar ser melhor do que os outros, entre outras punições.

Diante das penalidades que o cavaleiro foi submetido, a sua alma encontrava-se vulnerável como: “*quebrada dos trabalhos que havia passados*” (VISÃO DE TÚNDALO, 1895, p. 104); “*não podia seguir o anjo tanto era lazerada*” (VISÃO DE TÚNDALO, 1895, p. 105); “*a alma non podia falar nen responder tanto saya britada e fraca*” (VISÃO DE TÚNDALO, 1895, p. 109, grifos nossos).

Assim, “*quebrada, lazerada, britada e fraca*” são expressões que representam o estado de dor, sofrimento e cansaço da alma de Túndalo; isso por ser punido devido aos seus pecados, ao percorrer o ambiente infernal. O seu aspecto de fraqueza diverge da imagem dos

cavaleiros da sociedade medieval, vistos como homens fortes, viris e preparados para enfrentar os perigos (DUBY, 1989; COSTA, 2009).

Entretanto, o manuscrito *Visão de Túndalo* explica o quanto o protagonista vivia em vaidade, característica do grupo da cavalaria, e envolvido nos pecados mundanos e demonstra que, apesar da valentia dos nobres guerreiros, eles estavam sujeitos à justiça divina. E por não ter praticado um bom comportamento poderiam ser condenados ao Inferno.

O cavaleiro Túndalo passou por diversas provações devido ao seu mau comportamento. Entretanto, muitas das punições que deveria receber, o anjo o livrou e o salvou, e conforme explica o ser celestial: “[...] *mayor he a misericórdia de deus que a tua maldade. Empero que no dia do juízo dara a cada huun seu dereyto segundo como o mereçer [...]*” (VISÃO DE TÚNDALO, 1895, p. 105) (grifos nossos).

O anjo enfatiza o tempo de Deus, o tempo do Juízo Final, em que será aplicado o poder e a justiça divina, dando a cada ser a sua sentença, de acordo com os atos que foram desempenhados no plano terreno. Porém, a alma de Túndalo não passou pelo momento do Juízo Final, pois o objetivo da narrativa não era

condená-lo, mas levá-lo ao arrependimento de seus pecados, e a alma ao corpo tinha que retornar para contar sobre a sua visão.

4. A EXPECTATIVA DA SALVAÇÃO NO PARAÍSO

A expectativa de todos os cristãos após a morte é saber que a sua alma será destinada para um local de paz e tranquilidade. O Paraíso é o lugar esperado para os justos, pois, esses obedeceram e viveram conforme os ensinamentos da Igreja, e por terem uma vida digna e honrada seriam recompensados de boas glórias no ambiente paradisíaco.

O Reino Celeste “é um lugar de paz e alegria. Algumas vezes, o Paraíso é circundado de altos muros de pedras preciosas e compreende espaços concêntricos protegidos, também circundados por muros, cada espaço, mais luminoso, mais perfumado, mais saboroso” (LE GOFF, 2006, p. 28).

Segue uma representação do Paraíso a seguir, numa outra imagem proveniente da obra *Les Très Riches Heures du Duc de Berry* (figura 2):



Figura 2. Paul, Jean e Herman de Limbourg. **Paraíso**. *Les Très Riches Heures du duc de Berry*, ms. 65, Folio 126r, Musée Condé, Chantilly.

[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/0d/Folio_126r - Paradise.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/0d/Folio_126r_-_Paradise.jpg)

Na figura 2, intitulada “Paraíso”, vemos ao centro Jesus Cristo e sua mãe, Maria, ambos coroados e sentados num trono, próximos de anjos e santos que possuem auréolas. Abaixo do seu trono se encontram muitos homens e

mulheres com vestes religiosas, várias das quais são coloridas, portando também auréolas em suas cabeças. Mais abaixo há uma profusão de anjos músicos, um dos elementos do Paraíso, com instrumentos musicais. A imagem parece

ênfatisar que há muitas pessoas no Paraíso, pois todos os espaços estão preenchidos.

O ambiente paradisíaco na *Visão de Túndalo* lembra uma cidade cercada por muros que garantem a proteção e a proibição da entrada dos vícios no lugar. No manuscrito, o Paraíso está organizado em três muros, altos e formosos, cada qual mais iluminado que o outro, são: o muro de Prata, o muro de Ouro e o muro de Pedras Preciosas.

Somente os virtuosos encontravam-se nesse espaço e, conforme as suas condutas e virtudes, eram designados para tais muros. No muro de Prata encontravam-se as almas que viveram em respeito ao casamento legítimo, os homens e as mulheres foram agraciados com o recebimento das “*vestiduras brancas muy fermosas*” (VISÃO DE TÚNDALO, 1895, p. 114) que emitem a claridade e a paz do lugar.

Nesse lugar, ouvia-se belas vozes “*deles souan de muytas e desuayradas maneyras que non parecian outra cousa se non cantares de orgoons*” (VISÃO DE TÚNDALO, 1895, p. 114). A musicalidade do Paraíso era como de sons de órgãos transmitindo a leveza e a tranquilidade do ambiente, que saía das vozes dos santos^x.

Além disso, são ressaltados a presença de bom sabor, bom odor e “*nunca en aqueles logares era noyte nen tristeza e todos se amauan dhuun coração e dhuma uoontade*” (VISÃO DE TÚNDALO, 1895, p. 114). As almas viviam em uma comunidade harmônica e, diferente do

Inferno, não havia a escuridão da noite e nem a tristeza, mas a claridade e a alegria.

No muro de Ouro estavam os homens e mulheres que se dedicaram à vida religiosa, obedeceram às regras da Igreja, fortaleceram a instituição eclesial e transmitiram os ensinamentos cristãos. Por causa da devoção à religião cristã, os monges e os construtores da Igreja na *Visão de Túndalo* foram contemplados com o recebimento de várias honras, como de ser coroados com “*coroas de ouro todas cheas de pedras preciosas. E tynhan en sy scriptas letras muy fermosas todas de ouro sobre que tynham seus liuros postos e scriptos todos com letras de ouro*” (VISÃO DE TÚNDALO, 1895, p. 115).

Os homens e mulheres coroados representam os membros do reino divino e que estavam próximos de Deus. As suas coroas estavam escritas com letras muito formosas, cristalizando os seus grandes feitos realizados na vida terrena.

Por fim, nos muros de Pedras Preciosas estavam alocados os anjos, apóstolos, profetas e patriarcas, ou seja, todos os seres espirituais e os que abdicaram do mundo terreno para levar uma vida santa. Esse muro é formado por pedras preciosas como o jaspe, esmeralda, cristal entre outras preciosidades, o que demonstra a opulência, o esplendor e o poder da glória divina.

Assim, nenhum outro lugar reunia tanta riqueza como o Reino Celeste. Somente aqueles que viveram em obediência às normas cristãs, se guardaram de corpo e alma na fé e não se envolveram nos pecados mundanos, desfrutariam

de tais dádivas, rodeados de bons odores, belos cânticos e calmaria.

5. A ESPERANÇA DAS ALMAS NO PURGATÓRIO

O Inferno e o Paraíso são ambientes do Além muito bem caracterizados, localizados e com o tempo definido que representam a condenação e salvação eternas, respectivamente.

Entretanto, a Igreja e a própria narrativa *Visão de Túndalo*, anunciam um terceiro lugar, uma esperança para quem carrega os “pecados veniais, os pecados arrependidos, confessados, mas cuja penitência não foi cumprida” (LE GOFF, 1995, p. 261).

A figura 3, também proveniente da obra *Les Très Riches Heures du Duc de Berry* nos mostra uma representação do Purgatório.



122

Figura 3. Jean de Colombe. **Purgatório**. *Les Très Riches Heures du duc de Berry*, Fim do Século XV, ms. 65, Folio 113v, Musée Condé, Chantilly.

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/53/Folio_113v_-_Purgatory.jpg

A imagem foi produzida por Jean de Colombe, pois no *Livro de Horas do Duque de Berry*, houve vários iluminadores. Na figura 3 vemos pessoas no Purgatório, se encontrando em vários estágios: várias delas são torturadas, uma parte na água (onde notamos a presença de clérigos, pela tonsura e o chapéu episcopal, a mitra, de um deles, e outra parte no fogo, o que pode ser percebido pela cor vermelha. Esse fogo vai até em cima (o Céu) e se caracteriza ali por uma cor escura, relacionada à fumaça. Também há um espaço verde, identificado com a grama, onde uma mulher nua parece descansar. Próximos dela, dois animais ferozes podem vir a atacá-la. Sobre a figura 3:

As cores (da imagem) lembram o Inferno e o Paraíso. Os tons azuis, brancos, verdes e dourados estão relacionados ao Céu e as cores vermelhas e negras associadas ao espaço infernal, mas as almas não aparentam estar em sofrimento como no Inferno, e nem alegres como no Paraíso, mas estão em penitência, esperando o dia da salvação. A principal característica dessa imagem é a presença de anjos, que estão levando algumas almas privilegiadas para renascem no Paraíso (VOVELLE, 2010, p. 86). Esse é o principal requisito do Purgatório: ser um local transitório de punição, um lugar de passagem (ZIERER; MESSIAS, 2011, p. 79).

Percebemos na imagem, além da punição aos pecadores, a possibilidade de resgate daqueles que cumpriram a sua penitência pelos anjos, os quais carregam as boas almas e as retiram do Purgatório, conduzindo-as ao Paraíso.

Segundo a versão 244 da *Visão de Túndalo*, o cavaleiro conheceu o Inferno e o Purgatório. A palavra “Purgatório” aparece no

início da narrativa e na transição entre o ambiente infernal e paradisíaco. “*Ata aqui falou de uison no purgatório e das penas e tribulaçoens que padecen os maaos en el e no inferno. Daqui em denate fala dos beens e galardooens que uio receber aos boons na gloria do parayso*” (VISÃO DE TÚNDALO, 1895, p. 111) (grifo nosso)

Apesar dessa versão mencionar o termo *Purgatório*, a narrativa não delimita esse espaço, não especifica as almas que são destinadas para a purgação, nem por quanto tempo ficariam ali para depois ascenderem ao Paraíso. O Purgatório representa o tempo da purgação, em que almas dos não inteiramente bons e dos não inteiramente maus, que foram destinadas para esse local, devido aos seus pecados veniais.

123

Na *Visão de Túndalo* essas almas estão dispersas no Inferno denominado de Superior, em que identificamos na narrativa como: “*aqueles que receberam penitencia pola confisson que fezeron e a non conprirom en esse mundo assi como lhes foy mandado conuen que a conpram en estes logares con estes que uiste*” (VISÃO DE TÚNDALO, 1895, p. 107, grifos nossos)

Observamos a alma que cometeu o pecado venial, confessou a falta cometida, mas não realizou a penitência e estava purgando no ambiente do Inferno Superior, mas o manuscrito não deixa claro que é o Purgatório. No espaço infernal, a alma recebe as mesmas penas dos condenados, mas devido à misericórdia de Deus,

ênfatisada na *Visão de Túndalo*, a purgação têm diferentes graus de sofrimentos.

Além disso, identificamos almas “não muito más” e “não muito boas”, que sofrem punições “leves” no Pré-Paraíso (ou Limbo), aguardando a salvação. “[...] *Ali moram os nou muy boons que son liurados e tirados das penas do inferno e non merecen ainda seer chegados aa companha dos sanctos*” (VISÃO DE TÚNDALO, 1895, p. 112). Os “não muitos bons” estavam próximos do Paraíso, conforme a *Visão de Túndalo* esses já foram retirados das penas do Inferno e aguardavam o momento para renascer no Reino Celeste.

Diante disso, o tempo da purgação que as almas ficam no Purgatório representa a última esperança para os medievos que não tiveram uma conduta plena segundo os princípios do cristianismo. Primeiramente era preciso purificar as almas de seus pecados, não se sabia por quanto tempo, e, após cumprida a penitência, as almas de imediato iriam para o Paraíso, significando o renascimento dessas almas para a morada do Pai.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo futuro é um enigma e representa um dos anseios da sociedade para conhecê-lo. Para isso os homens o imaginam ao olhar para o passado como forma de prevê-lo e o projetam no tempo presente.

A sociedade medieval interpretava o futuro a partir do seu presente e dos discursos

que a Igreja propagava, como forma de orientar as maneiras de como os medievos deveriam agir, em conformidade com os ensinamentos do cristianismo.

Baseado nas escrituras da *Bíblia*, a religião cristã ensinava que o futuro estava próximo, fundamentado na crença apocalíptica/escatológica que estabelecia o fim dos tempos. O tema da morte era consciente e visto como uma passagem para o Outro Mundo, em que a vida continuava em outro tempo e espaço.

Desta forma, o passado, presente e futuro estavam entrelaçados, pois o futuro, ou seja, os destinos das almas no pós-morte, que seriam julgados a partir das condutas que foram desempenhadas em sua vida terrena e a partir das mesmas as almas seriam sentenciadas e alocadas nos espaços do Além: Inferno, Purgatório, Paraíso.

A *Visão de Túndalo* representa o medo do desconhecido e anuncia o futuro do post mortem, revelando o que aconteceria com as almas no Além-Túmulo e as características que compunham cada espaço. O cavaleiro Túndalo como pecador foi o escolhido para fazer a viagem imaginária. Nessa trajetória o personagem viu e sofreu as penalidades das almas pecadoras no Inferno, contemplou o tempo da salvação eterna no Paraíso e a esperança para almas que se encontravam no Purgatório. Porém, esse terceiro lugar aparece na narrativa de forma nebulosa.

A história desse cavaleiro alerta a sociedade sobre os múltiplos futuros destinados às almas: a condenação, a salvação e a expectativa de renascer no ambiente paradisíaco após a purgação dos pecados no Purgatório. Túndalo, ao retornar ao corpo, contou com detalhes sobre o futuro do Além-Túmulo. Lembrou de quando era pecador e transformou o seu destino final, arrependendo-se de seus pecados, praticando a caridade e difundido a fé cristã.

O cavaleiro Túndalo tornou-se um modelo de conduta para a sociedade medieval, a sua história associa o tempo terreno com os mistérios do pós-morte. Além disso, conduziu os cristãos a lembrarem de suas condutas praticadas no passado, para que pudessem mudá-las no presente, seguindo as regras cristãs, para interferir no futuro.

Apesar de a *Visão de Túndalo* informar sobre a forma dos lugares do Além ela não indica como e quando será a chegada da morte. A Igreja se utilizou desses relatos, reforçando a proximidade do futuro, para que os medievos ficassem vigilantes e buscassem a religião cristã, para praticarem os rituais de purificação dos pecados, como a confissão e a penitência.

Diante disso, os religiosos intervinham no cotidiano dos medievos controlando as suas atividades, ritmando o seu tempo e preparando-os espiritualmente para o futuro que os esperava após a morte e depois no Juízo Final.

Na tradição cristã, o tempo pertence a Deus. É Ele quem sabe o dia da morte e decidirá

no Julgamento Final, o local para onde as almas serão destinadas, de acordo com as ações destas no mundo terreno. Entretanto, a Igreja durante as pregações, e ao utilizar os relatos de visões, como a *Visão de Túndalo*, demonstra que o medievo pode trilhar o caminho para a salvação, modificando a sua vida do passado, em seu tempo presente e agindo sobre o futuro.

REFERÊNCIAS

FONTES

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1995.

Visão de Túndalo. Ed. de Patrícia Villaverde. **Revista Lusitana**, n. s., 4, 1982-1983, p. 38-52.

Visão de Túndalo. Ed. de F.H. Esteves Pereira. **Revista Lusitana**, 3, 1895, p. 97-120.

125

OBRAS TEÓRICAS

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais.** Lisboa: Presença, 1989.

_____. “O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo à Época de Felipe II. Extraído do Prefácio.” In: **Escritos sobre a História.** São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 13-16.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales.** A Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: UNESP, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas, SP: Unicamp, 2003

_____. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

REIS, José Carlos. **Teoria e História: tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Ed. UNB, 2010, p. 65.

SCHMITT, Jean-Claude. **O Corpo das Imagens**. São Paulo: EDUSC, 2007.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

OBRAS ESPECÍFICAS

BASCHET, Jérôme. **A Civilização feudal**. São Paulo: Globo, 2006.

BASTOS, Mário Jorge da Motta. **O poder nos tempos da peste** (Portugal-séculos XIV- XVI), Niterói: EdUFF, 2009.

COSTA, Ricardo da. O projeto civilizacional cristão para conter as pulsões agressivas e a violência da cavalaria medieval. In: BUSTAMANE, Regina Maria da Cunha, MOURA, José Francisco de. **Violência na História**. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2009. p. 237- 248.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo. Companhia das Letras, 2009.

_____. **O que sobrou do Paraíso?** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

D' HAUCOURT, Geniève. **A vida na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

DUBY, Georges. **A sociedade Cavaleiresca**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

DUFURNET, Jean. Introduction. In: **Les Très Riches Heures du Duc de Berry**. Paris: Bibliothèque de l'Image, 1995, p. 2-7.

HUIZINGA, Johan. **Outono da Idade Média**. São Paulo: COSACNAIF, 2010.

LE GOFF, Jacques. Além. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, vol I, 2006, p. 21-33.

_____. Tempo. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, vol II, 2006, p. 531-541.

_____. Os Limbos. In: **Signum**. Revista da ABREM (Associação Brasileira de Estudos Medievais), São Paulo, v. 5, 2003, p. 257-289.

_____. **O nascimento do Purgatório**. Lisboa: Estampa, 1993.

MARQUES, A. H. de Oliveira. **Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV**. Lisboa: Presença, 1986.

MESSIAS, Bianca Trindade. **Memória, educação e salvação cristã na Visão de Túndalo** (séculos XIV-XV). 175 f. Dissertação de Mestrado em História. São Luís: Universidade Estadual do Maranhão, 2016.

OLIVEIRA, Solange. **A Salvação como um Itinerário no Além Medieval: a viagem imaginária da Visão de Túndalo** (séculos XIV-

XV). 283f. Tese de Doutorado em História. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2019.

SCHMITT, Jean-Claude. **Corpo, os Ritos, os Sonhos, o Tempo**: Ensaios de Antropologia Medieval. São Paulo: Ed. Vozes, 2014.

SCHMITT, Jean-Claude. **Les rythmes au Moyen Âge**. Paris: Gallimard, 2016.

SOUZA, Patrícia Marques de. Poderes (in)visíveis: As criaturas do mal na *Arte de Bien Morir*. In: TEIXEIRA, I. S. (org.). A. XII Encontro Internacional de Estudos Medievais (2017). **Anais ...** Porto Alegre: ABREM, 2019. Disponível em:

http://abrem.org.br/revistas/index.php/anais_eie/issue/view/XII%3A%20Encontro%20Internacional%20de%20Estudos%20Medievais/showToc; acesso em 09 ago 2019.

TÖPFER, Bernhard. Escatologia e milenarismo. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, vol I, 2006, p. 353-366.

VENTURA, Margarida G. **O Messias de Lisboa. Um Estudo de Mitologia Política (1383-1415)**. Lisboa: Cosmos, 1992.

Visão de Túndalo. *Scrinium*. Disponível em: <http://www.scrinium.pt/pt-016> último acesso em 22/02/2016.

VOVELLE, Michel. **As Almas do Purgatório ou o Trabalho do Luto**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

ZIERER, Adriana; MESSIAS, Bianca. Os Monges e os Relatos de Viagem ao Além: A

Visão de Túndalo. **Brathair**. São Luís, (UEMA), 2011. Disponível em:

<http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/download/692/614>; acesso em 20 ago 2019.

ZIERER, Adriana. Educando para salvar a alma: o exemplo do cavaleiro Tungullo. **História e Culturas**. Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE, Fortaleza, v. 3, n. 5, jan-jun. 2015, p. 120-134. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/revistahistoriaculturas/article/view/444>; acesso em 20 ago 2019.

_____. **Da ilha dos bem-aventurados à busca do Santo Graal**: uma outra viagem pela Idade Média. São Luís: Ed. UEMA, 2013.

Referência das Imagens:

Irmãos Limbourg. **Inferno**. *Les Très Riches Heures du Duc de Berry*, 1413, Musée Condé, Chantilly, ms. 65, f. 108r.

https://fr.wikipedia.org/wiki/Les_Tr%C3%A8s_Riches_Heures_du_duc_de_Berry#/media/Fichier:Folio_108r_-_Hell.jpg

Irmãos Limbourg. **Paraíso**. *Les Très Riches Heures du duc de Berry*, ms. 65, Folio 126r, Musée Condé, Chantilly.

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/0d/Folio_126r_-_Paradise.jpg

Jean de Colombe. **Purgatório**. *Les Très Riches Heures du duc de Berry*, Fim do Século XV, ms. 65, Folio 113v, Musée Condé, Chantilly.

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/53/Folio_113v_-_Purgatory.jpg

NOTAS

ⁱ Doutora em História. Pós-Doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales, junto ao *GAHOM* (Groupe d'Anthropologie Historique de l'Occident Médiéval), com bolsa da CAPES. Docente da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Coordenadora dos laboratórios - *Brathair* (Grupo de Estudos Celtas e Germânicos) e *Mnemosyne* (Laboratório de História Antiga e Medieval). Docente das Pós-Graduações em História da UEMA e da UFMA. Bolsista de Produtividade da FAPEMA (2018-2019). Editora-Chefe da revista *Brathair* e uma das diretoras da *Mirabilia Journal*.

ⁱⁱ Mestre em História na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), com bolsa da FAPEMA. Membro do *Brathair* (Grupo de Estudos Celtas e Germânicos). Docente de História do Instituto Federal do Maranhão (IFMA-Pinheiro).

ⁱⁱⁱ Esta concepção prevalece no Catolicismo até hoje. Aqueles que não foram batizados, segundo o dogma, não verão a face de Deus, mas ficarão no limbo. (LE GOFF, 2003; BASCHET, 2006).

^{iv} Sobre a relação entre a *Visão de Túndalo* e passagens do *Apocalipse de São João*, cf. MESSIAS, 2016, p. 96-122.

^v Em sua importante obra *Les Rythmes au Moyen Âge* (Os Ritmos na Idade Média) (2016) e laureada em 2017 como melhor obra historiográfica na França, Schmitt divide seu livro em jornadas e dedica toda a terceira jornada, intitulada *Les Rythmes du Temps: scander l'année, sonner les heures* (O Ritmo do Tempo: cantar o ano, badalar as horas [canônicas]), para explicar o ritmo temporal no medievo.

^{vi} PEREIRA, F. M. Esteves (1895), Visão de Tundalo, *Revista Lusitana* 3, 97-120.

^{vii} Existem duas edições do códice 266, estudamos a versão de: Castro, Ivo, Ana Maria Martins, Luiz Fagundes Duarte, José Manuel Feio e Patrícia Villaverde Gonçalves (1982-1983): Vidas de santos de um manuscrito alcobacense: Vida de Tarsis, Vida de uma monja, Vida de santa Pelágia, Morte de são Jerónimo, Visão de Túndalo. *Revista Lusitana*, n. s., 4, 5-52 (sobre este testemunho: p. 38-52).

^{viii} *Scrinium*. Disponível em: <http://www.scrinium.pt/pt/pt-016> ; acesso em 22 ago 2019.

^{ix} Sobre este tipo de livro ver HUIZINGA, 2010; SOUZA, 2019.

^x Sobre a musicalidade do Paraíso, ver DELUMEAU, 2005.

Recebido em: 07/08/2019.

Aprovado em: 29/08/2019.

Publicado em: 31/08/2019.